

A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ECT-DIEESE DE CIÊNCIA DO TRABALHO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Fausto Augusto Junior¹

A proposta político-pedagógica da Escola de Ciências do Trabalho do DIEESE (ECT-DIEESE) é resultado de mais de seis décadas de reflexão e ação na formação de dirigentes sindicais pelo DIEESE. Tendo foco no trabalhador que estuda, busca potencializar as possibilidades advindas de um sujeito que carrega consigo os conhecimentos de uma experiência de vida e de trabalho.

A formação sindical do DIEESE é parte da história da educação sindical da classe trabalhadora brasileira e a ECT-DIEESE, ao institucionalizar o processo de educação sindical, possibilita a sistematização desse conhecimento forjado na luta e sua legitimação perante o conhecimento científico por meio de uma Instituição de Educação Superior - IES.

Este artigo tem como objetivo apresentar a metodologia de educação e produção de conhecimento desenvolvida pela ECT-DIEESE, que foi longamente discutida na tese de doutoramento intitulada: *Entre a prática e a teoria: uma investigação sobre a Escola de Ciências do Trabalho do DIEESE na construção de uma educação superior da classe trabalhadora*².

A proposta da ECT-DIEESE está dividida em seis momentos, distintos e articulados, que, juntos, propõem uma metodologia tanto para a educação sindical quanto para o bacharelado e a pós-graduação de uma escola da e para a classe trabalhadora.

Apresentamos a seguir esse processo.

História de vida

A história de vida inicia o processo de reflexão do trabalhador-estudante tanto na dimensão individual quanto na coletiva. Nessa discussão, cada um se apresenta, conta sua história, ouve a história do outro; e, coletivamente, criam identidades de sujeitos que, apesar de diferentes e vindos de espaços diversos, têm na realidade de trabalho elos que os unem enquanto classe.

Na proposta pedagógica da Educação Sindical do DIEESE, esse momento está assim proposto: “O primeiro passo para que os participantes de um grupo

¹ Fausto Augusto Junior é o atual diretor-técnico do DIEESE. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP e professor da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho.

² AUGUSTO JUNIOR, Fausto. **Entre a prática e a teoria**: uma investigação sobre a Escola de Ciências do Trabalho do DIEESE na construção de uma educação superior da classe trabalhadora. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.

possam trabalhar juntos é se conhecerem. Cada um pode se apresentar: dizer o nome e o que faz”³.

É nesse processo que a história de um se transforma na história do coletivo, ali em construção. Para este fim, a intenção da apresentação refletida está, inicialmente, em o grupo melhor se conhecer; e, em seu processo, trazer para dentro das paredes da Escola o que está do lado de fora, ou seja, a história de vida de cada um.

Na ECT-DIEESE, a realidade concreta adentra o espaço escolar pelas pessoas (alunos, professores e diversos trabalhadores da escola); por isso, o primeiro movimento passa por apresentar para aquele coletivo, que está em formação, o sujeito integral que está ali, em toda sua humanidade e historicidade.

Para isso, o que se propõe é a incorporação da história de vida como uma metodologia de apresentação que, como um processo de pesquisa coletiva, não se esgota em uma aula, mas perpassa todos os momentos de formação do trabalhador-estudante dentro da Escola. A cada discussão, texto escrito e discutido, a cada produção, o sujeito se apresenta ao grupo, coloca seus valores e sua visão de mundo, e é assim que o mundo real é incorporado ao espaço escolar.

Em sala de aula, essas narrativas ganham vida por meio do diálogo entre os diferentes. É pela dialogicidade, que a história de vida de cada trabalhador-estudante traz para dentro da sala de aula o mundo externo, os grupos e coletivos que alunos e professores carregam em suas trajetórias.

Entendida enquanto processo, a constituição das histórias de vida de cada trabalhador-estudante reinterpreta a proposta de *apresentação* das atividades formativas da educação sindical; e, a cada novo diálogo estabelecido, ampliam-se os laços de solidariedade e de confiança pelos quais sua história individual se torna a história de muitos, pois, como afirma Paulilo reinterpreta Dezin (1984), “as pessoas contam mais do que uma vida, elas contam a vida de uma época, de um grupo, de um povo”⁴.

Por meio das histórias de uma vida, que contam a história de um povo, o mundo concreto confere sentido às escolhas e dá início às trajetórias individuais e coletivas do curso de Ciências do Trabalho.

Levantamento das inquietações e construção da problemática individual

O levantamento das inquietações é um movimento em que o trabalhador-estudante, ao refletir coletivamente sobre sua história de vida, identifica

3 O trabalho com grupos – Escola Sindical DIEESE, 1984. (mimeo)

4 PAULILO, M. A. S. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. Serviço social em revista, Londrina, v. 1, n. 1, p. 135 - 148, 1999. p 142.

aquilo que o mobiliza para a reflexão e para a ação.

O ponto de partida é sua realidade concreta, início de um processo de levantamento de perguntas que estão latentes. É um momento em que as inquietações e as perguntas geradas nas suas vivências são pronunciadas para o coletivo, ganham uma primeira forma, ainda que pouco refletida e estruturada.

Na metodologia da formação sindical, desenvolvida ao longo da história no DIEESE, existe um momento em que se pergunta individualmente aos dirigentes qual sua expectativa com a atividade formativa. É realizado um levantamento das inquietações e das perguntas que eles gostariam de ver discutidas e respondidas ao longo do curso; é quando ocorre o alinhamento entre as expectativas do sujeito e os objetivos do curso e, principalmente, a mobilização do dirigente para as discussões que se seguirão.

Ao buscar as inquietações de cada um dos presentes, são levantadas as perguntas que deverão organizar os momentos da atividade formativa; ao mesmo tempo em que se procura, coletivamente, iniciar um processo de reflexão sobre as questões que cada sujeito traz para a atividade.

Assim, na proposta da ECT-DIEESE, o que se busca é mobilizar os trabalhadores-estudantes para sua caminhada na produção coletiva do conhecimento, na qual as inquietações apresentadas são oportunidades de conferir sentido ao que vai se conhecer, vivenciar e produzir ao longo dos semestres.

As inquietações surgem vinculadas à realidade concreta de cada trabalhador-estudante, às situações por ele vividas em seu trabalho, em seu local de moradia, na sua família ou comunidade, no presente ou em um passado que é re-admirado, conforme contado e sistematizado

- O que te incomoda (inquieta, perturba, tira o sono) com relação a sua realidade?

Esta pergunta é feita diversas vezes e ao trazer as histórias de vida e as indagações para o coletivo, iniciam-se dois processos:

Primeiro, ao anunciar as perguntas e as situações que os vinculam com sua realidade, começa um movimento de organização e de reflexão individual sobre o que os inquieta, sobre aquilo que sentem, mas muitas vezes não param para pensar o motivo pelo qual sentem ou tanto os incomoda.

Segundo, no coletivo toma-se consciência de que aquilo que incomoda cada um também é sentido pelos outros iniciando um processo de racionalização e compreensão coletiva. Juntos, percebem que seus problemas não são individuais, mas representativos de um coletivo mais amplo.

A partir disso, inicia-se a próxima etapa do método proposto: a busca do grupo representativo que, por meio da pesquisa exploratória, começa o

O coletivo representativo e a pergunta geradora

Na formação sindical, que tem como “base de sua metodologia a experiência de cada um, este é um momento que deve facilitar a cada participante mostrar seu ponto de vista e sua experiência”⁵.

Essas experiências, trazidas nas atividades de formação sindical, não são só individuais, mas coletivas; pois, na condição de dirigente sindical, o sujeito que fala carrega consigo a representação formal de uma categoria de trabalhadores e toda uma história de luta desses trabalhadores.

Nessa etapa, as experiências dos sindicatos são apresentadas ao grupo, compartilhadas com os demais dirigentes representativos de outros sindicatos de trabalhadores e sistematizadas em um processo de troca de vivências e de produção de novos conhecimentos. Na metodologia, desenvolvida pela educação sindical do DIEESE, é a etapa de *observação e descrição da experiência, de situações específicas, concretas, mas historicamente datadas e situadas. A descrição da realidade concreta, tal como ela é, já envolve uma primeira tomada de consciência da realidade como uma primeira avaliação*⁶.

Na experiência da ECT-DIEESE para essa etapa, propõe-se que o trabalhador-estudante retorne ao coletivo de que faz parte e busque, na sua realidade cotidiana, uma melhor identificação do coletivo a que está vinculado e considere até que ponto suas inquietações refletem as inquietações desse grupo social. Assim, tem início o processo de conscientização de que suas inquietações não são individuais, mas expressam as demandas e necessidades do grupo do qual faz parte. Nesses momentos, pergunta-se: *com quem mais você compartilha sua inquietação, quem ou qual grupo tem as mesmas inquietações que você?*

O retorno ao grupo social, que compartilha as inquietações, é uma etapa que acontece por meio da pesquisa exploratória do universo que se propõe conhecer; não como a etapa de uma pesquisa acadêmica tradicional, mas o revisitar a sua vivência coletiva de maneira organizada e com o objetivo de melhor compreender suas inquietações, mediante um processo de reflexão e conscientização.

Assim, a partir do retorno exploratório ao coletivo, iniciam-se as elaborações das perguntas e um processo crítico à realidade que é vivida pelo trabalhador, mas não é refletida. O “espantar-se” freiriano não é um movimento que expressa somente inquietação individual, mas uma preocupação do grupo social de que o trabalhador-estudante faz parte. No vivido, ao expressar as in-

5 Escola Sindical DIEESE, 1984, op. cit.

6 Formação Sindical e Metodologia, DIEESE, 1986.

quietações de muitos, a pergunta que aparentava ser uma questão individual é capaz de mobilizar o coletivo e trazer consigo a possibilidade da mudança, da ação.

Ao representar a expressão de um coletivo, a pergunta, que inicialmente aparece como uma indagação individual, passa a ser um processo coletivo de questionamento de uma realidade, uma pergunta geradora daquele grupo.

Enunciada, a pergunta geradora passa a expressar um problema concreto de um coletivo e confere legitimidade a essa inquietação. Ela se transforma em força mobilizadora e ganha relevância social para o grupo que expressa, que é impelido a buscar sua solução.

Por isso, a pergunta, que emerge da pesquisa exploratória é um movimento de busca por uma resposta que mobilize todos os que compartilham dessa inquietação. É no vivido que o sujeito resolve as contradições entre o que pensa e o que vive, para assim refletir sobre sua ação, em busca da superação daquilo que o oprime.

A partir da definição do coletivo que representa e da pergunta geradora desse coletivo, começa a relação entre a percepção e a reflexão sobre o vivido (repertório do sujeito e do grupo) com o conhecimento sistematizado, na busca pela superação do senso comum e a consequente produção do conhecimento para a ação (práxis).

A redução temática e o emergir do tema gerador

Na formação sindical, o surgimento de expectativas/perguntas iniciais é tratado e transformado a partir das discussões, que levantam o repertório dos dirigentes e trazem, ao grupo, as experiências coletivas das diferentes entidades dos trabalhadores sobre o tema em debate. Com este aporte do conhecimento prático, produzido na luta cotidiana das lideranças, as que eram perguntas iniciais ganham historicidade e se tornam perguntas geradoras, produzidas coletivamente.

Com este painel construído, os trabalhadores iniciam um processo de diálogo, que tem como objetivo a re-admiração, individual e coletiva, sobre cada uma das perguntas geradoras. Nesse processo, as diferentes indagações das lideranças sindicais começam a convergir e reconectam os fragmentos de uma realidade que foi cindida; e, para que seja desvelada, precisa ser totalizada e historicizada em um movimento de re-presentificação, conforme proposto por Freire⁷.

Pelo diálogo e reflexão sobre as demandas e problemas reais dos dirigentes sindicais, na luta por melhores condições de vida para os trabalhadores, chega-se à problematização do que é essencial na discussão e que está escondido.

7 FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 60.

dido pela naturalização de uma relação de exploração, que aparece como a única possibilidade para o trabalhador. As perguntas iniciais que se transformaram em perguntas geradoras, se retotalizam no desvelamento das relações estabelecidas em nossa sociedade e definem um tema gerador.

Um desafio colocado na construção das ciências do trabalho como uma ciência da práxis, é a busca de que esse processo de conscientização, a que se refere Freire, se realize em um curso de educação superior. Assim, o momento de produção dos temas geradores é chave para a criação do espaço real de produção de um novo conhecimento, que rearticule a experiência do vivido com o conhecimento historicamente sistematizado.

Tal qual a elaboração e o enunciado da pergunta geradora se dão por meio de um processo coletivo e reflexivo, das inquietações e problemáticas individuais, a busca pelos temas geradores acontece quando, coletivamente, os alunos iniciam um processo de discussão, reflexão e sistematização dos elementos e fenômenos sociais que alinhavam as diferentes perguntas que foram construídas.

Nesse processo, o trabalhador-estudante compreende que as perguntas são expressões do visível, de uma realidade historicamente construída que oculta as relações essenciais de nossa sociedade. Assim, elas conferem sentido à trajetória de ensino-aprendizagem que tem como objetivo melhor compreender essas relações com vistas a sua superação.

Assim, é proposto que os trabalhadores-estudantes releiam as perguntas geradoras para o grupo. A partir dessas exposições, busca-se estabelecer um diálogo coletivo sobre as problemáticas com o objetivo de encontrar unidade entre as diferentes indagações.

As inquietações e as perguntas geradoras, elaboradas nas etapas anteriores, mobilizam os trabalhadores-estudantes à reflexão sobre o que está oculto naquilo que percebem em sua realidade e fazem surgir os temas geradores que possibilitarão avançar para o momento seguinte no qual o conhecimento historicamente sistematizado e legitimado pela ciência se encontra com o conhecimento prático do grupo de trabalhadores-estudantes e professores.

Aprofundamento: do senso comum ao conhecimento científico

Na educação sindical, esse é o momento em que o conhecimento prático se encontra com o conhecimento científico sistematizado, na busca de respostas às perguntas geradoras levantadas pelo grupo. É a etapa de aprofundamento da Escola Sindical do DIEESE.

Nesse momento, o tema gerador retorna para o grupo, que procura sua melhor compreensão a partir da sua experiência; o seu conhecimento prático

encontra-se com o conhecimento científico.

É um momento de depuração da fala individual; pois com a externalização das contradições, pelo diálogo, são construídas as possibilidades de sua superação. Nesse processo, senso comum e conhecimento prático aparecem conjuntamente; cabe ao formador contribuir para que o grupo inicie um processo de separação entre o que é conhecimento produzido pela sua vivência e o que são as ideologias que ocultam a realidade.

O diálogo do grupo, estabelecido a partir do tema gerador, traz as experiências coletivas, que passam a ser confrontadas com o conhecimento científico; e, por meio da relação dialógica, as experiências se modificam e produzem um novo conhecimento, que supera a separação entre o conhecimento prático e o teórico.

Na educação sindical, esse é o momento que o conhecimento científico é introduzido no debate, seja por meio da fala de um técnico/pesquisador ou pela leitura de textos científicos que se referem ao assunto em discussão:

A relação dialógica precisa ser estabelecida entre o técnico e o grupo, de modo que um ensine e aprenda com o outro, em um movimento no qual as contradições entre o conhecimento prático e o teórico comecem a ser superadas e atinjam “um nível de consciência mais prático dos interesses dos mecanismos de manutenção e superação da realidade”⁸

Para isso, é preciso que o professor de cada disciplina contribua para modificar a posição do trabalhador-estudante no processo de compreensão de sua prática e o desafie a refletir criticamente sobre sua ação, a *readmirar* sua produção e a separar o que é percepção do que é conhecimento.

Assim, é preciso que o professor e o trabalhador-estudante superem a separação entre o conhecimento prático do trabalhador e o conhecimento científico; de modo que, ambos, pelo diálogo, compreendam o processo de produção de conhecimento. Para isso é importante entender o que é o conhecimento prático e diferenciá-lo do que é ideologia, ou seja, daquilo que oculta sua real situação.

No ato comunicativo, ideologias e conhecimentos são enunciados conjuntamente; mas, pelo diálogo crítico, diferenciam-se um do outro. O mesmo se dá com o conhecimento científico trazido pelo professor, que, ao enunciá-lo, traz consigo valores que são depurados pela crítica e reflexão na relação sincera entre educadores e educandos.

Nesse movimento dialógico, em que conhecimentos, valores e ideologias são apresentados e confrontados, o trabalhador-estudante toma consciência de que o que sabe é tão legítimo quanto o que o professor apresenta; e, ao mesmo tempo, compreende a diferença entre conhecimentos, valores e ideologias. Então, novos conhecimentos são produzidos pela síntese entre o

8 DIEESE, 1986, op. cit.

prático e o científico.

Como tarefa, cabe à educação pela práxis propiciar a descoberta de que o educando detém conhecimento e que este conhecimento é tão legítimo quanto os anunciados pelos professores. Ao mesmo tempo, é preciso perceber que, do mesmo modo que muito do que ele sabe é conhecimento, muito do que ele acha que sabe não passa de ocultamento da realidade.

Esse não é um ato simples de transferência de conhecimento ou método de ensino, mas um processo de conscientização; que implica na retomada do papel de sujeito capaz de tomar distância e objetivar sua prática, sua história e o coletivo que constitui e é por ele constituído. Pela reflexão de sua vivência, mediada pelo conhecimento científico, aquilo que aparecia como realidade ganha complexidade e crítica e desvela a sua essência.

Por isto, é fundamental que o trabalhador-estudante, nas disciplinas, tenha acesso ao conhecimento historicamente sistematizado, que funciona como chave interpretativa de sua história de vida, de sua coletividade, de sua realidade em toda a complexidade.

Pela proposta da ECT-DIEESE, a partir das perguntas e dos temas geradores, cada professor deve buscar articular os conceitos e os conhecimentos científicos, de modo a ajudar na reflexão dos trabalhadores-estudantes e a constituir pontes entre o repertório discente e o conhecimento científico aportado.

Compete a cada professor das disciplinas definidas no currículo, a organização de seus programas de curso, de modo a contribuir na reflexão sobre as perguntas e os temas geradores.

Nesse processo, as perguntas e os temas geradores e o repertório dos trabalhadores-estudantes se encontram com o conhecimento historicamente sistematizado, na busca da superação de suas contradições por meio do diálogo.

Sistematização e ação

Por fim, cabe ao professor propiciar ao trabalhador-estudante o exercício da crítica e da sistematização. Seu conhecimento prático precisa ser organizado e objetivado para ser criticado e, assim, ser compartilhado, ganhar movimento histórico e legitimidade.

Na educação sindical, isso se dá como a etapa final das atividades formativas por meio de uma reflexão sobre o que foi produzido ao longo do curso e como esse novo conhecimento pode e deve ser transformado em ação sindical para a luta dos trabalhadores.

Para a proposta de Ciências do Trabalho, conforme preconizada pela ECT-DIEESE, o pesquisador é o próprio trabalhador e cabe ao professor auxiliá-lo

neste processo de conhecer e transformar sua realidade a partir do encontro entre o conhecimento do grupo social e o conhecimento historicamente sistematizado e legitimado pela ciência.

Tudo isto faz com que, nesse processo, a sistematização deva ser entendida como uma forma de investigação que possibilita aos sujeitos (indivíduos e coletivos sociais), a partir dos tempos e lugares que ocupam, transformar suas práticas em objeto de reflexão, produção de conhecimentos e aprendizagens⁹.

A sistematização, mais do que um modelo de registro, é a efetivação do processo de produção do conhecimento por parte do trabalhador-estudante; pois é por meio dela que suas perguntas começam a ser objeto de reflexão, onde a teoria, a vivência e a pesquisa se encontram.

Uma vez objetivadas as perguntas e constituídos os temas geradores, as teorias e conhecimentos adquiridos nas disciplinas ganham sentido, pois retornam realidade por meio da pesquisa e da reflexão dos trabalhadores-estudantes. Porém, para isso, é necessário organizar e ordenar as informações e as vivências que estão dispersas, de modo a preparar uma reflexão crítica da realidade que se quer apreender e melhor compreender.

Pelo método, entende-se que para avançar na produção de respostas para as perguntas geradoras elaboradas é preciso saber como aquele problema foi concebido, quem já refletiu sobre ele e o que se tem de acervo sobre a experiência a ser investigada.

Para isso, é solicitado ao trabalhador-estudante que reconstitua a história do quer compreender, por meio de um levantamento dos estudos que trataram do tema e de uma pesquisa documental nos diferentes registros e legislações disponíveis. Além disso, é proposto que busque vinculações com a história em geral; ou seja, que compreenda como os acontecimentos específicos identificados se articularam com as transformações ocorridas na sociedade em geral.

Realizado o levantamento bibliográfico e a pesquisa documental, é o momento de o trabalhador-estudante estabelecer diálogos formativos com os sujeitos que compartilham das perguntas e vivenciam a realidade que se pretende pesquisar.

Nessa etapa, a pesquisa exploratória inicial ganha uma nova dimensão e o trabalhador-estudante, agora na sua tarefa de pesquisador-educador, retorna ao seu coletivo de origem para estabelecer as ações que possibilitarão a busca e a reflexão de suas perguntas, que surgiram das perguntas do coletivo. Esse processo pode se realizar por meio de diferentes metodologias que privilegiam o diálogo e a mobilização, tais como a enquete operária, a entrevista reflexiva, a pesquisa-participante, a pesquisa-ação, entre outras; de modo que, o diálogo entre o trabalhador-estudante e o coletivo a ser pesquisado possibi-

lite respostas para as perguntas iniciais e produza novas indagações.

A cada etapa realizada - o levantamento bibliográfico e documental, as pesquisas e os diálogos estabelecidos junto aos grupos sociais - é fundamental a organização desse conjunto de informações, registros e falas; a partir do que Oscar Jara Holliday denominou eixos de sistematização, que viabilizam “um processo de ordenamento e classificação da informação, que permite reconstruir, de forma precisa, os diferentes aspectos das experiências, vista já como um processo”¹⁰.

Com o material disponível organizado, cabe, então, ao trabalhador-estudante/pesquisador-educador interpretar criticamente todo o processo que se iniciou com a busca de suas perguntas geradoras. Essa talvez seja a etapa mais importante e mais difícil de todo esse processo, porque é o momento de entender as contradições da experiência pesquisada, mediar as relações entre um evento descrito e a totalidade do processo e compreender como tudo que está ali organizado se realizou na história.

O movimento acontece no mundo das ideias; o conhecimento novo aparece como a síntese de todo esse processo, resumido por Jara como “uma conceitualização a partir da prática sistematizada”¹¹.

Para a construção da ciência do trabalho, entendida como uma ciência da práxis, esse movimento não se realiza no indivíduo, nem termina no mundo das ideias. É um processo que ocorre em conjunto com os demais trabalhadores-estudantes, os professores e o coletivo do qual o trabalhador-estudante faz parte.

Para isso, essa etapa se divide em pelo menos dois momentos: o primeiro, o diálogo do trabalhador-estudante com os demais trabalhadores-estudantes da turma, com os professores e a comunidade escolar; e, o segundo, o diálogo com o coletivo de que o trabalhador-estudante faz parte.

No primeiro momento, expõe-se aos demais trabalhadores da turma e aos professores todo o processo realizado desde seu início: sua pergunta e o tema gerador construído coletivamente, os conhecimentos acessados, as experiências vivenciadas e pesquisadas ao longo do curso. Depois dessa apresentação, é estabelecido um diálogo entre o trabalhador-estudante e o grupo ali presente, com o intuito de debater coletivamente sua reflexão e suas conclusões. É a partir deste diálogo entre as contradições e as tensões levantadas que é iniciado o processo de produção de síntese.

Em resumo, este é o momento em que a produção do trabalhador-estudante emerge das folhas de papel e retorna para o coletivo escolar, que pode ou não ter participado de todo o processo, mas, no diálogo, se reconhece como parte dessa produção de conhecimento que está além de qualquer indivíduo.

10 HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências. *Série Monitoramento & Avaliação*. Brasília: MMA, 2006. p. 87.

11 *Idem*, p. 88.

O segundo momento e última etapa de todo o processo acontece fora das paredes da escola, quando o trabalhador-estudante retorna e dialoga sobre as respostas produzidas e as conclusões que chegou com o grupo social em que está inserido, na busca de fazer o retorno do mundo das ideias para o mundo concreto, da teoria para a prática.

É nesse momento que todo o processo, iniciado com este coletivo, incorpora o conhecimento produzido para a melhor compreensão da sua realidade concreta e auxilia na produção de respostas para os problemas levantados pelo grupo, o que altera sua prática e avança na possibilidade de novas lutas.

Esse momento não é o último nem o único, pois o conhecimento produzido se realiza na ação e no diálogo realizado pelo trabalhador-estudante com o seu grupo social e na sua luta cotidiana junto aos trabalhadores, o que continua para além de todo esse processo.

Considerações finais

O conhecimento produzido pelo DIEESE se realiza com a ação do dirigente sindical na disputa por mais renda e direitos para os trabalhadores. Assim, essa concepção de educação só se realiza quando o conhecimento construído retorna à realidade e proporciona uma melhor compreensão dos problemas reais; e, a partir disso, possibilita uma nova ação capaz de superá-los no mundo concreto.

A proposta de uma metodologia de produção de conhecimento a partir da educação pela práxis proposta pela ECT-DIEESE é uma resposta aos dilemas da educação superior num momento em que, ao mesmo tempo, a classe trabalhadora começa a acessar o ensino superior e as ações afirmativas que possibilitam esse ingresso estão sob ataque daqueles que buscam manter o *status quo* no Brasil.

Num momento histórico em que o próprio conhecimento científico passa a ser contestado como referência objetiva e qualquer proposta de educação progressista é atacada, pode-se afirmar que a ousadia da ECT-DIEESE é um ato revolucionário.

Referências bibliográficas

AUGUSTO JUNIOR, Fausto. **Entre a prática e a teoria**: uma investigação sobre a Escola de Ciências do Trabalho do DIEESE na construção de uma educação superior da classe trabalhadora. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.

DIEESE. **Formação Sindical e Metodologia**. São Paulo: DIEESE, 1986.

DIEESE. **O trabalho com grupos**. Escola Sindical DIEESE, 1984. (mimeo)

DIEESE. **Seminários e cursos**. São Paulo: DIEESE, 2004.

FALKEMBACH, E. M. F. Sistematização em Educação Popular: uma história, um debate. **Anais da 30ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Caxambu: ANPED, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT06-3316--Int.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2018.

FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências. **Série Monitoramento & Avaliação**. Brasília: MMA, 2006.

PAULILO, M. A. S. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço social em revista**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 135 - 148, 1999.